

Apresentação do artigo “Razão enquanto dialética: ciência, ciência social e ciência socialista”.

Roy Edgley, filósofo da razão

Álvaro Martins Siqueira*

Ao menos no Brasil, Roy Edgley está longe de ser um pensador cuja menção imediatamente suscita alguma lembrança sobre sua produção. Se isso não basta para desqualificar sua produção – e não basta mesmo! – não seria possível, por outro lado, publicar um de seus trabalhos sem fazer alguns breves comentários sobre o próprio texto e sobre seu autor. O artigo que foi traduzido, *Reason as dialectic: science, social science, and socialist science*, foi publicado pela primeira vez em 1976 na revista *Radical Philosophy* e reaparece posteriormente na coletânea *Critical realism: essential readings*, de 2008.¹ Ao que sabemos, trata-se da primeira tradução dos escritos de Edgley para o português. Após este comentário inicial sobre o ineditismo do conteúdo, é preciso passar agora para uma efetiva apresentação da importância do autor e do conteúdo de seu texto.

Roy Edgley nasceu em 1925 em Northampton, uma cidade relativamente populosa na Inglaterra. Sua vida acadêmica iniciou-se em 1947, quando ingressou na Universidade de Manchester, onde se formou em filosofia. Já em 1954 começou a dar aulas na Universidade de Bristol, sendo indicado, em 1970, para ser professor de filosofia na Universidade de Sussex. Isso ocorreu apenas um ano após a publicação de seu livro *Reason in theory and practice*,² considerado uma obra de grande importância e que já abordava os temas que discutiria ao longo de sua vida. Nas décadas de 1970 e 1980, foi

* Doutorando em Economia na Universidade Federal Fluminense. Bolsista FAPERJ doutorado nota 10. E-mail: alvaromsiqueira@gmail.com.

¹ Ver Archer *et alli* (2008). Uma observação importante a ser feita é que, apesar da notável proximidade teórica e cronológica, e até da colaboração eventual, Edgley não foi exatamente um membro do movimento que posteriormente ficou conhecido como realismo crítico. Entre algumas dessas contribuições e aproximações, podemos destacar que Edgley editou, junto com Roy Bhaskar, reconhecido como fundador do realismo crítico, o livro *A meeting of minds: socialists discuss philosophy* – cf. Bhaskar & Edgley (1991) –, e também que ele escreve um comentário muito elogioso acerca do trabalho de Bhaskar na última capa de um dos livros deste último (*Scientific realism and human emancipation*): “O trabalho de Bhaskar se compara com o dos gigantes da filosofia do continente [...] um feito único, e sem dúvidas estará no centro da discussão por um algum tempo, tanto inglesa quanto continental”.

² Cf. Edgley (1969).

um dos intelectuais mais importantes e ativos da recém-criada revista *Radical Philosophy*.³ Fundou, ao lado de filósofos como István Mészáros, Chris Arthur, e Tom Bottomore⁴ o curso de mestrado em Pensamento Social e Político de Sussex.

Durante o período que passou em Bristol, Edgley dividiu moradia com Paul Feyerabend, de quem se tornou amigo próximo e manteve correspondência até o falecimento deste último, dedicando-lhe um artigo.⁵ Embora Edgley reconhecesse virtudes em alguns argumentos de seu antigo colega de quarto, definitivamente não compactuava com a atitude rebaixadora da ciência que era fomentada por Feyerabend. Em uma carta de 1975, Feyerabend escreveu, com seu tom de ironia característico, como os especialistas em acupuntura visualizavam a possibilidade de um tratamento efetivo das dores oriundas de seu ferimento de guerra⁶, quando a medicina tradicional declarava, por outro lado, que a situação era irreversível.⁷ Na abertura do artigo de 1976 que traduzimos, Edgley menciona a acupuntura como um exemplo de “forma de medicina aparentemente não científica”⁸ para ilustrar a crise intelectual que assombrava (e ainda assombra!) o embate entre a ciência e outras formas de conhecimento. Mas, ao contrário de Feyerabend, Edgley é, como deixa claro em seu texto, um defensor intransigente da razão e da verdade.⁹

Apesar de reconhecer com sobriedade a situação de crise em que se encontrava o pensamento intelectual de sua época, Edgley já estava preparado para oferecer, a partir de uma perspectiva marxista, as bases de uma alternativa metodológica a Popper, Kuhn, Lakatos e Feyerabend, figuras que, como sabemos, ainda dominariam por muitos anos o terreno da filosofia da ciência. Um dos méritos do autor foi ter sido capaz de demarcar uma posição efetivamente marxista no campo da filosofia da ciência, isso num contexto em que o terreno era dominado pelo embate entre os antigos dogmas da teoria do conhecimento empirista¹⁰ (como a distinção rígida entre fato e valor), porém já em processo de relaxamento, e a tendência relativista que se apresentava como crítica daqueles dogmas (e que negava, por outra via, qualquer possibilidade de relacionar fatos e valores). Edgley mostra, por um lado, que há uma conexão entre as verdades e

³ Além do texto que traduzimos, constam nessa revista outros artigos instigantes, como *Reason and violence* (1973), e a participação de Edgley no debate sobre o significado do termo “filosofia radical” em Binns *et al.* (1972, pp. 28-30).

⁴ Edgley também contribui com verbetes importantes no dicionário de pensamento marxista editado por Bottomore. Cf.: Bottomore (1997), verbetes “materialismo dialético” e “realismo científico e dialética”.

⁵ Edgley (1994).

⁶ Feyerabend também prestou serviço militar, e em 1945 um projétil atingiu sua espinha. Em virtude desse ferimento, sentiu dores constantes até o fim de sua vida e andava com auxílio de uma muleta. Cf. Edgley (1994).

⁷ Ver Edgley (1994, p. 2).

⁸ Cf. Edgley (1976, p. 2).

⁹ Edgley afirmou o seguinte sobre a atitude de Feyerabend e a inevitável divergência de suas concepções: “Seu anarquismo epistemológico e seu desrespeito pela ciência parecem clara e compreensivelmente incompatíveis com Marx” (Edgley. 1994, p. 2).

¹⁰ Ver, por exemplo, Quine (2011).

os juízos, mas reitera, por outro, que a verdade também não é simplesmente uma questão de apreciação: a verdade não é um juízo, mas implica um determinado juízo sobre as ideias, sobre as práticas e, eventualmente, sobre as coisas do mundo.¹¹

Roy Edgley foi, em seu próprio tempo, um filósofo da razão, da verdade e, sobretudo, da unidade entre teoria e prática. Um episódio interessante ocorrido em 1973 ilustra bem a forma como concebia essa unidade e a trazia para a prática. Um grupo de estudantes de Sussex mobilizou-se contra uma palestra de Samuel Huntington, figurão anticomunista e autor do “programa estratégico de aldeia” na guerra do Vietnã. Esse movimento estudantil contra Huntington foi duramente criticado pela grande imprensa, no jornal *The Guardian* e no *Times*, por ser considerado um ato contra uma suposta liberdade de expressão. O único membro senior da universidade a tomar partido com os estudantes foi Edgley, que posteriormente comentou o caso e defendeu seu ponto de vista no artigo *Thought and action in the Huntington affair: freedom of speech and academic freedom*.¹² Ali, argumentou que, na verdade, era o programa de urbanização forçada formulado por Huntington que cerceava a liberdade. A imprensa da época sustentou que o caso Huntington exemplificaria uma suposta “perda de respeito pela verdade” no interior do ambiente acadêmico. Edgley mostra que se tratou exatamente do oposto. Defendeu que os atos de fala e as atividades intelectuais devem ser encarados com extrema responsabilidade, por conta de seu efeito prático no mundo. Os temas que ele discute nesse escrito, como a fragilidade de uma distinção simplificadora entre teoria e prática, fala e ação, reaparecem no artigo que a revista do NIEP-Marx oferece agora a seus leitores.

Trouxemos essas poucas palavras sobre a trajetória do autor para afirmar o seguinte: até sua morte em 1999, Roy Edgley esteve extremamente atento à coerência e à vinculação entre teoria e prática, foi politicamente combativo e soube enfrentar barreiras que se interpunham e continuam a se interpor entre os sujeitos da prática intelectual e uma efetiva radicalidade. Em especial no artigo publicado a seguir, ele sustenta que a realidade é contraditória em si, que a contradição da realidade pode e deve ser trazida à consciência científica (até porque a contradição das ideias é parte do mundo) e que esse conhecimento pode servir para transformar a realidade. Num ponto ainda inicial de formação da onda pós-moderna, antirrealista e conservadora que foi devastadora para a sustentação do discurso científico, Edgley já se insurgia contra a desqualificação da verdade, a negação da razão e os retrocessos sociais. O que o leitor tem a sua disposição agora é um texto que, quase cinquenta anos após sua publicação, ainda se encontra atual e necessário para reafirmar o lugar da verdade, da razão e do marxismo enquanto teoria científica crítica.

¹¹ Cf. Pole (1970, p. 335).

¹² Cf. Edgley (1975).

Referências

- ARCHER, Margareth.; BHASKAR, Roy.; COLLIER Andrew.; LAWSON, Tony.; NORRIE, Alan. *Critical realism: essential readings*. Londres: Routledge, 1998, 745 p.
- BINNS, Peter; SKILLEN, Tony; WARNOK, Mary; EDGLEY, Roy; MEPHAM, John; FRONGIA, Guido; BEARDON, Colin. "What is radical philosophy?", *Radical Philosophy*, v. 3, pp. 26-34, 1972.
- BOTTOMORE, Tom (Ed.). *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1997.
- BHASKAR, R., & EDGLEY, R. (Eds.). *A meeting of minds: socialists discuss philosophy*. London: Socialist Society, 1991.
- POLE, David. "Reason in theory and practice (review)", *Philosophy*, v. 45, n. 174, 1970, pp. 333-37. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3749752>. Acessado pela última vez em 13/07/2022.
- EDGLEY, Roy. *Reason in theory and practice*. Londres: Hutchinson, 1969.
- EDGLEY, Roy. "Reason and violence: a fragment of the ideology of liberal intellectuals", *Radical Philosophy*, v. 4, pp. 18-24, 1973.
- EDGLEY, Roy. "Thought and action in the Huntington affair: freedom of speech and academic freedom", *Radical Philosophy*, v. 10, pp. 9-17, 1975.
- EDGLEY, Roy. "Science, social science, and socialist science: reason as dialectic", *Radical Philosophy*, v. 15, pp. 2-7, 1976.
- EDGLEY, Roy. "Paul Feyerabend, 1924-1994: a personal memoir", *Radical Philosophy*, v. 67, 1994, pp. 1-2.
- MCCARTNEY, Joseph. "Roy Edgley (1925-1999), Obituary", *Radical Philosophy*, v. 97, pp. 58-60, 1999.
- QUINE, Williard. "Dois dogmas do empiricismo". In: QUINE, W. *De um ponto de vista lógico*. Tradução Antonio Ianni Segatto. São Paulo: Editora Unesp, 2011, pp. 37-71.